

JEFF EM VENEZA,
MORTE EM VARANASI

GEOFF DYER

Jeff em Veneza, morte em Varanasi

TRADUÇÃO DE JOSÉ RUBENS SIQUEIRA



Copyright © 2009 Geoff Dyer

TÍTULO ORIGINAL

Jeff in Venice, Death in Varanasi

PREPARAÇÃO

Anna Távora

REVISÃO

Diogo Henriques

Julio Ludemir

Ana Julia Cury

DIAGRAMAÇÃO

ô de casa

ADAPTAÇÃO DE CAPA

retina 78

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

D944J

Dyer, Geoff, 1958-

Jeff in Veneza, morte em Varanasi / Geoff Dyer ; tradução de José Rubens Siqueira. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2010.

320p.

Tradução de: Jeff in Venice, Death in Varanasi

ISBN 978-85-98078-86-1

1. Jornalistas - Grã-Bretanha - Ficção. 2. Varanasi (Índia) - Ficção. 3. Veneza (Itália) - Ficção. 4. Romance inglês. I. Siqueira, José Rubens, 1945-. II. Título.

10-2755.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua dos Oitis, 50

22451-050 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

para Rebecca

“Para cada passo, a pegada já estava ali.”

ROBERTO CALASSO

“Imensas paredes & torres & rochas & balcões – uma perspectiva ao longo da curva do rio como Veneza ao longo do Grand Canal ou vista do Giudecca – e, por fim, ao ghat ardente de Manikarnika...”

INDIAN JOURNALS, ALLEN GINSBERG

PARTE UM
Jeff em Veneza

“Ah, o filme não era grande coisa; além disso, eu não gostava muito do livro também.”

MARCA D'ÁGUA, JOSEPH BRODSKY

“Os depostos, os derrotados, os desencantados, os feridos ou mesmo os apenas entediados parecem ter encontrado lá alguma coisa que nenhum outro lugar pode fornecer...”

HENRY JAMES

Numa tarde de junho de 2003, quando, por um breve instante, a invasão do Iraque parecia não ter sido tão má ideia afinal, Jeffrey Atman saiu de seu apartamento para dar uma volta. Teve de deixar o apartamento porque agora que o alívio pelo quadro geral tinha se esgotado — alívio porque Saddam não tinha voltado suas armas de destruição em massa inexistentes para Londres e o mundo não tinha mergulhado numa conflagração —, a miríade de irritações e frustrações de seu quadro particular estava de volta com força de vingança. O trabalho da manhã tinha sido uma merda. Precisava escrever um “artigo-cabeça” de mil e duzentas palavras (que devia exigir zero de pensamento da parte do leitor e pouco mais que isso do escritor, mas que, mesmo assim, de alguma forma, estava além de suas forças), porém chegara a um tal grau de tédio que passara meia hora olhando para o e-mail de uma única linha a ser enviado ao editor que encomendara o texto:

“Simplesmente não consigo mais fazer essa merda. Abs J.A.”

A tela oferecia uma alternativa simples: *Enviar* ou *Deletar*. Simples assim. Clicar *Enviar*, e fim da história. Clicar *Deletar*, e ele estaria de volta ao ponto de partida. Se acabar com a própria vida fosse assim tão fácil, haveria milhares de suicídios todos os dias. Dar uma topada com o dedão a caminho do banheiro. Clique. Derrubar geleia no punho da camisa ao comer a torrada. Clique. Começar a chover assim que você sai de casa e o guarda-chuva está lá em cima. O que fazer? Voltar para buscar, sair sem ele e ficar encharcado, ou... Clique. Mesmo enquanto olhava para a mensagem, sentado ali a ponto de enviá-la, ele sabia que não faria isso. A simples ideia bastava para impedi-lo. Então, em vez de enviar a mensagem ou continuar com seu artigo sobre uma nova e “controvertida” instalação artística na Serpentine, ele ficou ali sentado, paralisado, sem fazer nenhuma das duas coisas.

Para quebrar o encanto, clicou *Deletar* e saiu de casa como se estivesse fugindo da cena de algum crime terrível, ainda não cometido. Talvez o ar fresco (se é que se podia chamar assim) e o movimento o animassem, permitindo que ele passasse a noite terminando o artigo idiota e se preparando para tomar o avião rumo a Veneza na tarde seguinte. E quando chegasse a Veneza? Mais merda para organizar e digerir. Tinha de cobrir a abertura da Bienal, tudo bem, isso era moleza, mas depois aparecera a tal entrevista com Julia Berman (ou, pelo menos, uma provável entrevista com Julia Berman), e agora, além de escrever sobre a Bienal, devia convencê-la (implorar, suplicar e humilhar-se, no geral) a dar uma entrevista que garantisse ainda mais publicidade para o próximo CD de sua filha e ampliasse ainda mais a fama já inflada de Steven Morison, o papai, famoso artista plástico supervalorizado. Além disso, tinha de, no mínimo, garantir que ela concordasse em ceder com exclusividade à *Kulchur* o direito de reproduzir um desenho seu feito por Morison, desenho nunca publicado antes e nem mesmo visto por ninguém da *Kulchur*,

mas que, devido ao medo de que uma publicação rival pudesse se apossar dele, adquirira o status de raro e valioso artefato. O valor de qualquer parte individual desse arranjo era irrelevante. O que interessava era que, em termos de marketing e publicidade (ou, do ponto de vista editorial, de circulação e propaganda), os planetas estavam todos alinhados. Ele tinha de entrevistá-la, tinha de sair com a foto e com o direito de reprodução. Meu Deus do céu... Uma mulher empurrando um carrinho de bebê 4x4 deu uma olhada rápida para ele e desviou o rosto ainda mais depressa. Ele devia estar fazendo de novo aquela coisa — não falando sozinho, mas formando as palavras com a boca, sincronizando inconscientemente os lábios à torrente de reclamações que rolavam constantemente por sua cabeça. Fechou a boca com força. Tinha de parar com aquilo. De todas as coisas que precisava parar de fazer ou começar a fazer, essa estava em primeiro lugar. Mas como parar de fazer uma coisa que você nem sequer tem consciência de que faz? Foi Charlotte quem lhe disse que ele fazia aquilo, quando ainda estavam juntos, mas ele já devia fazer aquilo havia anos. Perto do fim era assim que ela se referia a esse hábito de karaokê mudo: “Essa coisa”, dizia ela. “Está fazendo essa coisa de novo.” No começo, tinha sido uma brincadeira do casal. Depois, como tudo num casamento, deixou de ser uma brincadeira e se transformou num pomo de discórdia, numa questão, numa fonte de ressentimento, numa das muitas coisas que tornavam a vida no Planeta Jeff — conforme ela chamava a inabitável terra devastada do casamento deles — intolerável. O que ela nunca entendeu, dizia ele, era que a vida no Planeta Jeff estava intolerável para ele também; na verdade, mais do que para qualquer outra pessoa. Essa, dizia ela, era exatamente a questão.

Agora ele não tinha ninguém para alertá-lo quanto ao fato de que andava pela rua balbuciando seus pensamentos. Era um péssimo hábito. Tinha de parar com aquilo. Mas era possível

que, enquanto caminhava pela rua, ele estivesse balbuciando as palavras: “Este é um péssimo hábito, tenho de parar com isso, é possível até que eu ande pela rua balbuciando essas palavras...” Ele colou de novo a boca com força como recurso para fechar essa linha de pensamento. O único jeito de parar de balbuciar as palavras com os lábios era parar de balbuciar as palavras *na cabeça*, era interromper os pensamentos que as formavam. Como fazer isso? Era um grande feito, o tipo de coisa que se conseguia num *ashram*, não cosmeticamente num esteticista. No fim, tudo o que acontece por dentro se manifestará por fora. O interior será exteriorizado... Fez um esforço para sorrir. Se conseguisse adquirir o hábito de fazer aquilo constantemente, de forma que seu rosto parecesse alegre em repouso, então o exterior poderia ser interiorizado, ele poderia começar a sorrir internamente. Só que era muito cansativo ficar sorrindo daquele jeito. No momento em que parou de se concentrar no sorriso, seu rosto retomou a sisudez padrão. “Padrão” era, decerto, a palavra-chave. A maioria das pessoas com quem cruzava parecia infeliz como um pecado inconfessável. Muitas, se é que exibiam algo em seus rostos, passavam a impressão de almas carrancudas. Talvez Alex Ferguson tivesse razão, talvez mascar chicletes ferozmente fosse a única resposta. Se era assim, bastava entrar em uma banca de jornais para encontrar a solução.

Atrás do balcão, uma linda moça indiana. De quantos anos? Dezessete? Dezoito? Linda, pensou ele, e com um sorriso radiante, raro nesse ramo de trabalho. Talvez estivesse começando, descansando de seus exames finais ou fosse lá como chamavam isso hoje, ajudando o pai mal-humorado, que, embora falasse um pouco de inglês, havia se adaptado tão perfeitamente à atmosfera britânica que parecia em tudo tão puto da vida como alguém cujos ancestrais tivessem vindo com os normandos. Atman sempre ficava perplexo com as conversas com esse sujeito, porque,

por mais breves que fossem, invariavelmente conseguiam solapar qualquer sensação de bem-estar que ele pudesse estar experimentando ao entrar no local. Era difícil reprimir o hábito de dizer “por favor” e “obrigado”, mas como um ato de represália, um protesto à recusa do sujeito em se manter dentro da cortesia básica, Jeff sempre pegava o que estivesse comprando — o jornal, uma barra de chocolate — e entregava o dinheiro em silêncio. Hoje, porém, nada foi igual. Jeff entregou-lhe uma moeda de uma libra. Ela lhe deu o troco, pousou seus olhos nos dele, sorriu. Mais alguns anos, e ela dificilmente prestaria atenção em quem quer que estivesse atendendo; simplesmente levantaria os olhos, pegaria o dinheiro e não tentaria fazer daquele contato nada mais que a transação financeira de baixo nível que era. Mas por ora tudo era bem mágico. Era tão fácil fazer as pessoas (isto é, Jeff) se sentirem um pouco melhor com a vida (isto é, com ele mesmo), tão fácil fazer o mundo parecer um lugar ligeiramente melhor. O mistério era por que tanta gente, e havia muitas ocasiões em que ele se incluía nesse número, optava por fazê-lo pior. Saiu se sentindo mais alegre que ao entrar, encantado por ela, até meio excitado. Não exatamente excitado, mas curioso. Curioso sobre o tipo de roupa íntima que ela podia estar usando por baixo da camiseta e do jeans de cintura baixa, exatamente o suposto tipo de pensamento que muita gente na comunidade muçulmana (a *chamada* comunidade muçulmana) usava como justificativa para o véu cobrindo o rosto todo. Ele tinha lido, dias antes, que a comunidade europeia mais amarga, entediada e intolerante era a dos muçulmanos britânicos. Então por que toda aquela conversa sobre a necessidade de os muçulmanos se integrarem à vida britânica? O fato de serem tão invocados era um sinal de profunda assimilação. Que melhor prova disso poderia haver?

Ruminando esse tópico importante (no último minuto ele preferira chocolate em vez de chicletes), Jeff seguiu para Regent’s

Park. O fato de que devia, nessa altura, ter voltado para casa e retomado o trabalho queria dizer que ele seguiu em frente, atravessou o parque debaixo do céu inchado de nuvens e em seguida a Marylebone Road.

Criatura de hábitos arraigados, Atman estava programado para, no momento em que pisasse na Marylebone High Street, entrar na Patisserie Valerie e pedir um café preto acompanhado de leite quente e um croissant de amêndoas, embora não estivesse querendo nada disso. Normalmente ele entrava ali de manhã, mas agora, na calmaria pós-almoço, era tarde demais para café, cedo demais para chá (era, realmente, aquela hora do dia em que ninguém quer nada) e mais tarde ainda para ler o jornal, que ele tinha lido com extrema aplicação horas antes, como forma de adiar a redação daquele artigo idiota. Felizmente, tinha um livro como companhia, *Venice Observed*, de Mary McCarthy. Lera o livro pela primeira vez quatro anos antes, ao voltar da Bienal de 1999, e começara a reler agora, junto com outros livros clássicos sobre Veneza, preparando-se para voltar lá. O croissant de amêndoas era do tamanho e da cor de um pequeno peru assado, e até a hora de dar a primeira mordida Jeff teve tempo de ler todo o trecho sobre *A tempestade*, de Giorgione.

McCarthy achava que havia “uma melancolia nova no ócio crônico” da nobreza renascentista. Seria possível detectar semelhante melancolia entre as damas desocupadas da Marylebone High Street? Parecia que não. Como tudo o mais, o ócio havia mudado com os tempos, tinha ficado mais rápido. Então, na realidade, havia uma espécie de urgência nessas esposas de executivos de bancos de investimento e gerentes de fundos de *hedge* preenchendo o breve intervalo entre o almoço e a hora de ir buscar as crianças no *lycée* ou na American School. Elas tinham aprendido a lição do ócio, a importância de agendar coisas de forma que não houvesse *tempo* para ficarem infelizes. Lá na Renascença o tempo se acu-

mulava, demorava a passar, de forma que súbitas tempestades estavam sempre a ponto de irromper. Daí a melancolia que “banha as pinturas de Giorgione, um sopro de inquietação que não chega a agitar as folhas das árvores... É a absoluta fixidez dessas cenas que produz essa estranha impressão”.

Atman não tinha visto a pintura em 1999, mas era uma das coisas que queria fazer desta vez (se tivesse tempo): ver *A tempestade*, comparar a pintura — e a cidade — com o que McCarthy escrevera a respeito dela.

Cheio com o croissant, tenso de café, ele saiu da Valerie e deu uma olhada na livraria Oxfam, tudo parte de uma caminhada normal pela Marylebone High Street. O que era completamente fora do normal era se perceber olhando a vitrine de um cabeleireiro aparentemente caro. Durante trinta anos, nunca tinha pagado mais de dez libras (gorjeta inclusa) por um corte, nunca cortara o cabelo em nenhum outro lugar senão num mesmo barbeiro, desde aquela loucura unissex de meados dos anos 1970 e, o mais importante, ele não *precisava* cortar o cabelo. Mas ali estava ele, abrindo a porta, entrando, dando os primeiros passos na direção de uma coisa sobre a qual vinha pensando havia anos: tingir o cabelo. Durante muito tempo ele havia achado que cabelo grisalho era um sintoma, um sinônimo de tristeza íntima, e aceitara aquilo, conformadamente, como algo inevitável. Mas isso tudo estava para mudar. Fechou a porta ao passar. O interior com ar-condicionado tinha um cheiro bom, de cosméticos e loções, e parecia conservador, não o tipo de lugar onde pintar o cabelo de qualquer coisa que não fosse laranja ou vermelho-bombeiro indicaria que você era um careta incurável. O local tinha uma atmosfera quase de clínica ou spa. Um homem com cabelo castanho sem forma (seria um recurso sutil a sugerir que cabeleireiros muitas vezes parecem precisar de um corte de cabelo?) perguntou se ele tinha hora marcada.

— Não, não tenho. Mas gostaria de saber se não haveria uma brecha agora.

O homem olhou a agenda, pesada e muito rasurada, uma espécie de recenseamento Domesday do mundo dos cabeleireiros.

— Cortar e lavar?

— É. Na verdade, eu estava pensando... — Sentiu-se tão embaraçado quanto um personagem de romance da década de 1950 comprando camisinhas. — Seria possível tingir meu cabelo? — O sujeito, que parecera desinteressado, nesse momento tornou-se mais focado.

— Claro — disse. — Tingir é uma arte como outra qualquer. Fazemos isso excepcionalmente bem. Fazemos parecer natural.*

— Isso é Sylvia Plath, certo?

— É, sim. — Um cabeleireiro que citava poesia. Bom, realmente era um lugar sofisticado. Ou talvez esse tipo de coisa fosse normal nessa parte de Londres. Jeff teria gostado de responder com algum tipo de citação, mas não conseguiu pensar em nada. Explicou que não queria nada muito radical, queria uma coisa sutil.

— Assim? — o sujeito sorriu.

— Assim como?

— Assim como o meu.

— Nossa! É, exatamente. — Era difícil acreditar que o cabelo dele fosse tingido, parecia inteiramente natural e ainda tinha um ligeiro grisalho nas têmporas. Os dois passaram a uma negociação mais detalhada. Custaria uma fortuna, mas o bom foi que em dez minutos (ele estava com sorte, disse o

* Trocadilho com a palavra *die*, “morrer”, que tem o mesmo som de *dye*, “tingir”, nos versos do poema *Lady Lazarus*, da escritora norte-americana Sylvia Plath (1931-1963): “*Dying/ Is an art, like everything else,/ I do it exceptionally well./ I do it so it feels like hell./ I do it so it feels real.*” — “Morrer é uma arte, como tudo mais/ Eu faço isso excepcionalmente bem/ Faço parecer um inferno/ Faço parecer natural.” (N. do T.)

sujeito, tinha havido um cancelamento) Jeff estava na cadeira, fazendo um ligeiro corte e uma tintura de cabelo... “Discretamente, silenciosamente”,* pensou ele consigo mesmo, mas era tarde demais para essa retaliação de Plath: o homem que o recebera evidentemente era uma espécie de maître; a tintura em si foi feita por uma moça com múltiplos piercings (sobrancelhas, nariz, um brilho de saliva no pino da língua), que preferia trabalhar em silêncio. Por Atman, tudo bem. O que o preocupava, sentado ali, eram as consequências de sair daquele lugar como um homem que tingia o cabelo. Esse era o tipo de coisa que se fazia ao emigrar para a América, ao começar uma vida nova em outro lugar onde ninguém conhecia sua aparência grisalha de antes, mas ele estava se reinventando em seu terreno natal, em Londres, na Marylebone High Street. Fica-se velho imperceptivelmente. Seus joelhos começam a doer perceptivelmente. Não melhoram. De vez em quando pioram, e depois melhoram, mas nunca voltam ao que eram antes. Você começa a aceitar que tem joelhos ruins. Acomoda seu andar para compensar e aliviar, mas, ao fazê-lo, se prepara para o quadro de dor na lombar. Essas coisas eram complicadas e às vezes impossíveis de curar. E agora um dos sintomas de envelhecimento, talvez não o pior, mas decerto o mais visível, estava sendo tratado, com um método indolor e rápido. De um jeito bem simples. Só era preciso dinheiro e um tempinho. Além disso, bastava se sentar debaixo de um daqueles secadores marcianos e esperar, perguntando-se se você não devia ter escolhido um tom mais claro ou mais escuro. Ou dado só uma cortada.

* Verso de outro poema de Sylvia Plath, *Mushrooms*: “Overnight, very/ Whitely, discreetly,/ Very quietly/ Our toes, our noses/ Take hold on the loam,/ Acquire the air.” — “Durante a noite, muito/ Branquinhos, discretamente,/ Silenciosamente/ Nossos artelhos, nossos narizes/ Se fincam na terra,/ Ganham o ar.” (N. do T.)

O momento chegou, a hora do falseamento. O papel prateado foi retirado. Jeff estava reclinado sobre o lavatório. Seu cabelo foi lavado com xampu com cheiro de amêndoas, enxaguado. Ao voltar para a vertical, confrontou-se, no espelho, com seu novo cabelo. Molhado, parecia preto *Thunderbirds*. Secar o cabelo foi como olhar uma foto Polaroid se revelando. O preto aos poucos desbotou até um convincente tom de rejuvenescimento. Tinha funcionado! Ele estava com o cabelo escuro sem parecer tingido. Parecia dez anos mais jovem! Ficou tão contente com o resultado que poderia passar séculos se adorando na frente do espelho. Era ele, mas não era ele: era ele de cabelo escuro, era ele plausivelmente jovem. No fim das contas, tinham sido as melhores oitenta libras que ele já gastara na vida. (A única coisa que poderia deixá-lo ainda mais feliz seria ter encontrado um jeito de recuperar esse dinheiro incluindo os gastos com a tintura nas despesas de preparação e pesquisa necessárias para a Bienal.) E amanhã ele estaria a caminho de Veneza. A vida era bela, muito mais bela do que três horas antes, quando ele saíra de casa como um subterfúgio a fim de deixar para mais tarde a redação daquele artigo idiota, que ainda tinha de ser escrito. Se não fosse isso, se ele não tivesse de voltar e escrever aquele artigo idiota, teria se sentido tentado a passar na banca de jornais outra vez, comprar outra barra de chocolate Topic e ver se a garota indiana ainda estava lá.

De volta para casa, de volta à sua mesa, a eterna pergunta ficava voltando: durante quanto tempo mais ele conseguiria continuar fazendo aquilo? Dois minutos de cada vez, descobriu, mas no fim esses dois minutos, pontuados por e-mails entrando e saindo, aumentavam, se somavam. Meu Deus, que jeito miserável de ganhar a vida. Na época em que seu cabelo era naturalmente daquela cor (ou mais escuro), tinha sido emocionante escrever coisas como aquela — ou pelo menos vê-las publicadas. O fato é que tingir o cabelo tinha, de certa forma, feito os anos andarem para trás, evi-

denciando como ele tinha progredido pouco na última década e meia. Ali estava ele, fazendo a mesma merda de 15 anos atrás. Não que tivesse ficado mais fácil de fazer; só ficara mais deprimente. Como sempre ele batalhou para chegar ao menos perto da quantidade de palavras determinada e então, depois de encher linguiça e prolongar, acabou com palavras demais e teve de gastar ainda mais energia cortando texto para voltar ao tamanho exigido (o que acabava sendo sempre mais do que viria a ser publicado). Mesmo assim, às onze horas da noite tinha terminado, fechado, acabado. Comemorou com um chá de camomila (tinha pela frente dias de bebida pesada) e a parte final do *Newsnight*, surpreso de ver como ficara *grisalho* o cabelo do apresentador Paxman.